



Marmur, Dow

## **Israel e a Diáspora**

**por Dow Marmur**

A natureza do país de Israel e a sua possessão pelo povo de Israel é uma preocupação fundamental da Toráh. Portanto, é também central para o nosso entendimento do nosso relacionamento ao Estado de Israel. Embora a atitude do povo judaico ao país de Israel não foi uniforme ou consistente através dos tempos, até menos que amigáveis intérpretes do passado admitem que o país sempre era central para nós. Fica assim mais que nunca no nosso tempo.

O país de Israel não é só coisa de interesse para seus habitantes, mas sim para todos os judeus cometidos devotados à Toráh. Um estado judaico no país não pode ser somente um estado para todos seus cidadãos, embora não deva ser nunca menos do que isto. É também um estado do povo judaico inteiro. É essa convicção que nos dá não só o direito de falar sobre Israel, seja que vivemos lá ou seja que não, mas também nos encarrega com a obrigação para fazer isso.

Usando como ponto de partida um discernimento de Martin Buber, argumentei repetidamente que Judaísmo é sempre um triângulo que consiste de fé, povo e país. Fé em Deus, fidelidade a companheiros judeus e a procura dum permanente endereço no mundo – Israel, não importa onde vivemos na diáspora – são as três dimensões da nossa herança coletiva judaica. Não podem vir junto como um todo senão através do Estado de Israel.

Isso é uma herança complexa e difícil para pôr em prática. Para simplificá-la, muitos judeus contemporâneos abraçam só uma das três dimensões, a custo das outras duas. Daí a insistência por alguns que Judaísmo é primeiro, se não exclusivamente, fé; por outros que ele é povo; e por ainda outros: que não poderás ser judeu senão viveres no país de Israel. Muitas facções na contemporânea judiaria podem ser divididas desse modo. Aceitando que Judaísmo é fé, povo e país, em igual medida, compeli-los-ia a revisar as dedicações que têm. Poucos são preparados para fazer isso.

Mas as coisas estão mudando agora que o estado judaico é realidade. Por exemplo, não é coincidência que no Canadá, como em qualquer lugar da diáspora, as organizações sionistas ligadas a comunidades de sinagoga – Mizrachi referente à Ortodoxia moderna, Mercaz como um ramo do Judaísmo Conservativo e Kadima como a organização sionista dos Judeus de Reforma – prosperam, enquanto as velhas seculares, assim chamados políticos, partidos ainda tentam desesperados manter-se no poder.

Os três principais movimentos no Judaísmo têm aceito a triangular, multidimensional forma do Judaísmo. Os outros não têm. Operam ainda na enganada crença secular de que judeus podem ser semelhantes a todas as outras nações do mundo. Ignoram o fato de que, deste modo, estejam tornando o Judaísmo irrelevante. Porquê alguém desejaria ser judeu só para ser semelhante a qualquer outro, dado que a maioria dos judeus se pode assimilar e ser alguém outro muito mais confortavelmente e como riscos bem menores? Portanto, são aqueles que vêem cometimento a Israel como parte do Judaísmo como um todo, que estão numa posição melhor para formular o novo Sionismo, como este está emergindo depois do estabelecimento do Estado de Israel.

O novo Sionismo afirma, por implicação, a legitimidade do interesse da Diáspora pelo que acontece em Israel. Requer ajuda e dedicação ao Estado Judaico. Nunca deve ser menos que isso. Mas isso também quer dizer companhia, talvez até participação, pela Diáspora.

Minha afirmação do país surge o meu cometimento religioso. Isso quer dizer que tomo seriamente a reivindicação de Deus: "A terra é Minha, não sois senão estrangeiros residentes coMigo" (Lv 25,23). Estou cômscio, porém, de que, não só esta frase, mas o capítulo como um todo possa ser tomado em mais que um modo. O texto da legitimidade àqueles que dizem que, porque o país pertence a Deus e nós somos somente os guardas, cabe-nos comportarmos de acordo com os mais altos padrões éticos. "Deveis observar Minhas Leis e manter fielmente as Minhas Regras, para que possais viver no país em seguridade" (Lv 25,18).

Infelizmente, esses textos também provêm base escritural para aqueles que dizem que, tendo agora tornado a possuir o país, estamos proibidos a dar qualquer parte dele de volta, sem consideração de exigências políticas, pois isso iria contra a vontade de Deus. O rábi Lubavitcher e os seus oponentes religiosos podem citar as mesmas passagens para conclusões diametralmente opostas. Tudo que podemos esperar é que um não acuse o outro de heresia e apostasia por causa de diferentes interpretações.

Naturalmente, não é a leitura do texto que leva a convicções, mas são convicções que nos fazem encontrar em textos aquilo que estamos procurando. Deixe-me, portanto, admitir aquilo que você já tiver conjeturado. Estou em harmonia com aqueles aspetos da nossa tradição que nos advertem contra a exploração do país, o abuso dos seus cidadãos e os injustificados ataques contra qualquer um dos seus vizinhos. "Não fazei mal uns aos outros, mas temei vosso Deus, pois Eu, o Senhor, sou vosso Deus" (Levítico 25,17).

É essa a convicção que me induz a suportar aquelas forças que consideram paz como tão preciosa que estão até predispostos a negociar território por ela. Paradoxalmente, porque o país é tão central, parte dele tenha a ser cedido pela segurança do restante. É uma decisão difícil por um exército de razões, muitas das quais conectadas ao fato de que os inimigos do povo judaico possam tirar proveito da dissensão.

O ou a dissidente está também em perigo de ser banido ou banida pela sua comunidade, porque, receando anti-semitismo, muitos na comunidade judaica, nomeadamente no Canadá, vêem como o seu primeiro papel apoiar o governo de Israel, justo ou injusto. Enquanto não hesitarmos criticar políticos, burocratas ou forçadores de lei canadenses, ficamos, na melhor, calados quando força for abusada pelos seus correlativos israelenses.

A razão normalmente dada para tal docilidade é que, desde que não vivermos em Israel, não nos estará permitido criticar os seus líderes. Não compartilho desta visão. Creio que a Diáspora é parceiro de Israel, precisamente porque Israel é central para toda a vida judaica. E a mesma comunidade não hesita expressar crítica de outras países onde judeus vivem e onde valores judaicos podem estar a risco.

A falha em dar nossa opinião exacerbou nosso relacionamento com nossos vizinhos não-judaicos. De modo crescente, questionam nossas sensibilidades que nos permitem ser tão magnânimos sobre outros e tão sem critério dos nossos. A ironia não nos deixe sem a percebermos. Num esforço para não dar aos inimigos razão para apontar para o nosso dissenso interno, estamos dando aos inimigos e amigos razões para suspeitarem da nossa vontade moral. Que nos defendemos invocando nosso sofrimento passado, especialmente o Holocausto, não faz os nossos argumentos mais fortes, só mais patéticos. Precisamente porque temos sido vítimas, devemos saber o que significa transformar outros em vítimas. Portanto, devemos sair do nosso modo para os tratar como desejaríamos ser tratados nós mesmos.

Tanto sobre algumas razões que me dispõem a ser um dissidente. Prefiro o termo "radical", porque levo a palavra a sério: alguém que vai à raiz do significado das coisas. O nosso legado judaico nos compele a irmos a nossas raízes proféticas. Advirto-nos também contra fazermos compromissos por motivo de conveniência.

Mas um radical é também por dentro. Um crítico de Israel que permanece não envolvido e não cometido é como o filho mau da Hagadá. Só aqueles que compartilham a responsabilidade têm o direito de dissentir. Mas patrocinadores de Israel sem critério, dos quais muitos sabem pouco da sua história e ainda menos da sua língua e cultura, devem substituir o seu entusiasmo por Judaísmo.

Assim, qual é a resposta? Naturalmente, não há resposta única, mas sim sugestão de abrir o debate mais plenamente, de não temer visões críticas de Israel e de uns aos outros e de não anelar por aprovação de políticos israelenses no poder. mesmo se isso significar que o Primeiro Ministro de Israel for mais relutante para posar para fotografos com o Presidente do Congresso Judaico Canadense do que o é com emissários do seu arquirival.

O melhor será que aqueles alienados se mantenham calados e votem com as suas mochilas - recusando a fazer contribuições. Mais provavelmente, vão querer se pronunciar. Não dar lhes voz, é privar Israel da ajuda de verdadeiros amantes de Sião.

A judiaria canadense não pode, não deve, ser edificada sobre o sempre decrescente número daqueles cujo fim principal é manter o status quo. Deve confiar numa base muito mais larga, que hoje consiste largamente de profissionais treinados na universidade que não têm medo, como os seus pais tinham, de anti-semitismo, e que não estão preparados para falar enfaticamente pontos de vista só porque estes foram formulados por israelis.

O artigo foi escrito quando Israel tinha um governo Likud.

Do livro de Rabbi Dow Marmur *On Being a Jew: A Reform Perspective*, publicado por Holy Blossom Temple, 1950 Bathurst Street, Toronto, ON, Canadá M5P 3K9, 1994.